



# A Illustração Portuguesa

## SEMANARIO

### REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palma; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

## SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por J. Lima;—*Valentina*, conto, por Eugenio de Castro;—*Vasco da Gama e as investigações do sr. Teixeira de Aragão*; por Pinheiro Chagas;—*Dois cadaveres*, sonetos, por Antonio Fogaça;—*Os criticos e os actores*, por Nestor;—*Os crimes elegantes*, romance, (continuação), por Gervasio Lobato;—*As nossas gravuras*;—*Pensamentos e Aphorismos*;—*Em familia (Passatempos)*;—*A rir*;—*Um conselho por semana*;—*A avósinha*, conto, por José Maria da Costa.

GRAVURAS:—*Dr. Patrocínio da Costa*;—*Modas*;—*O novo ministerio francez*;—*Rosa colhendo flores*;—*Castro Marim*.

## CHRONICA

—Não tenho troco, menino.

Peço-lhes muito que leiam com piedade essas quatro santissimas palavras, das quaes, até ao dia 13 do corrente, dependeu pelo menos a salvação da minha alma. D'outro modo, ter-me-hia custado carissima a cura de Santo Antonio, que Deus haja, um thaumaturgo em que eu não tenho fé nenhuma, um santo de artificio, um incendiario de bombas e foguetes que, muito a miudo, estalam precisamente sobre a cabeça do fanatico, do tolo, que para isso prestou o recurso, aliás modesto, dos seus cincoréisinhos.

Se Santo Antonio fosse realmente capaz das maravilhas que se lhe attribuem, já tinha feito, ao menos, o prestimoso milagre de lavar a cara, muito bem lavada, a uma d'estas creanças que devotamente lhe armam throno, e que o adoram na sua imagem de barro, com o seu competente resplendor de chumbo, e as suas evangelicas ventas esborrachadas. Que tratantes!

D'antes, quando havia no mundo honestidade, isto é, quando sobre os continentes se alastravam as aguas

do diluvio e sobre as aguas pairava a arca santa do outro, não se abusava assim da paciencia alheia. Verdade seja que, por esse temp, ainda Santo Antonio não tinha salvo o pae da forca, prodigio que inspirou aos pa-



DR. PATROCINIO DA COSTA

triarchas posteriores o desmedido amor com que permitem agora ás pequeninas vergonteadas a inconveniencia de accommetter nas ruas, aos magotes, por intenção do santo, a humanidade que passa.

Ha casas que concorrem para esta estranha forma



de culto com seis, com sete filhos! Melhor fôra guardarem castidade, como bem manda a Santa Madre Egreja.

Sete filhos! Muito sujos, coitadinhos, muito malcreados, a chamarem-se antecipadamente nomes feios, sob pretexto de repartirem a tempo, e com a maxima egualdade, o bolo que em muitos casos...

— Não tenho troco, menino.

Causam-me pena, é verdade, estes futuros mendigos; só me não causam, confesso, o mais pequeno desejo de me depennar por isso. Elles, coitados, lá vão no seu affadigado tirocinio para moços de cego, mister em que hão-de ser um dia inemitaveis, mercê da educação que levam e que fica extremamente modica aos respectivos paes.

Houve tempo em que nada havia mais sympathico, mais engraçado, do que a palavra incorrecta, o olhar, o gesto de uma creança. Hoje não é assim. Pronunciam com a maxima nitidez horriveis coisas obscenas, e gesticulam, pouco mais ou menos, como os archeiros da casa real, que, n'esta particularidade, são unicos, como bem podem observalo os moradores da Polytechnica, em dias de recepção, quando ali passam esses magnificos «salsas», e os estudantes, que os conhecem já, lhes pedem com bonitos modos:

— Faze lá um disparate, ó coisa!

Hoje, os pequenos são quasi tão ridiculos como os grandes. Na Avenida, á noite, é vulgarissimo encontrar collegios de meninas patuscamente vestidas, e commandadas por esquipaticas mestras, uns mostrengos, que tomam por pretexto a calma do ambiente e vão ali emborcar-se na calmaria do namoro, que a todos espera ao longo d'aquellas alamedas, onde a companhia do gaz não tem decerto dispendio grande. De quando em quando, porém, servindo-me da phrase pittoresca de um *habitué* d'aquellas paragens, meu amigo, de quando em quando, repito, um raio de luar, coando-se indiscreto atravez da verde folhagem rumorosa, incide caprichosamente sobre pequeninos assumptos realistas, interessantissimos para as creanças, que, mesmo por serem muito novas, têm ainda muito que aprender. Louvadas sejam, portanto, as mestras, visto que a palmatoria é só para as meninas.

Senão quando, sente-se um trote violento, e passa Alfredo Tinoco, esbeltamente montado no seu cavallo branco, que é uma estampa, e que não tem nada com as tres metades em que ha tempos andou o parlamento dividido.

O elegante *sportman* tem o condão celeste, a extraordinaria força de nos arrancar á semsaboria do que se passa em torno, porque nos recorda a promessa cujo cumprimento esperamos para dez de julho— se me não engano—uma tourada magnifica, entusiastica, distincta, um verdadeiro torneio brilhantissimo, que ha-de apoderar-se inteiramente do nosso espirito, a ponto de nunca mais nos consentir na memoria a mais pequena referencia áquelle patusco *certamen* do Mourisca, cujo premio, que não foi pago, coube sem duvida ao publico, que teve as honras da tarde, assobiando-o a elle, ao Botas e ao curro.

E a proposito, se n'essa tarde as bancadas da praça não cahiram esmagadas ao peso do tacão universal, deve-o Mourisca a D. Antonio Siqueira, que pela primeira vez, nos appareceu em face de um touro, com o mesmo sangue frio e o mesmo calção de ferro com que o viamos, pelas cinco horas da tarde, fazer despreoccupadamente a baixa.

Antonio Siqueira apresentou-se em selim raso, sem uma vez sequer se destribar—o que seria perfeitamente desculpavel n'uma lide d'aquellas—sem um momento

deixar de exercer o seu dominio sobre o cavallo, que era aliás uma verdadeira fera pela repugnancia invencivel com que avançava para a cabeça do touro, em cujas pontas, em compensação, o cavalleiro se mostrou capaz de ir colher uma rosa que por capricho lá tivessem posto.

Coube-lhe intelizmente um boi, um senhor boi, para dizer melhor, que sabia d'aquillo mil vezes mais que o Botas, demasiadamente Botas, seja dito de passagem, para intelligente de uma corrida. O cavalleiro, entretanto, foi largamente applaudido pela Praça inteira, incluindo— isto é notavel— os espectadores do *sol*, que mostram uma predilecção decidida pelos fidalgos toureiros, deixando, como diz o outro, a pão e laranja a propaganda da *Folha do Povo* contra as touradas.

Esta é, de resto, a razão porque me atrevo a mostrar-me entusiasta de um espectáculo a que os moralistas da terra, uns pandegos, chamam toda a casta de nomes feios. Eu supponho que os moralistas nunca puzeram pé no Campo de Sant'Anna. Assistam a tres corridas boas, e digam-me depois se os não excita extraordinariamente um passe arrojado de Saleri, um cambio elegante do Peixinho, uma pega inesperada de Punteret. Digam-me, emfim, se lhes não abre o appetite, se os não attrahe, uma tourada em que, como na de Alfredo Tinoco, devam picar, ao que consta, amadores da primeira linha, e tantos outros a fina flor do *sport*, sobre quem a essencia pura do *high-life* irá lançar, dos camarotes anciosamente, arrebatadamente, os seus *bouquets* deliciosos, as suas palmas adoraveis, os seus olhares estonteadores. Deixam-se lá os miolos!

E agora, que mais dizer d'esta cidade de marmore, d'onde já todos se preparam para erguer o vôo que ha-de leval-os a Cintra, ás Caldas, a Cauterets, ao infinito? Quando não seja por absoluta necessidade, nem por prazer, sequer, ao menos por elegancia é conveniente abandonar a capital.

Banham-se uns em Vidago porque lh'o manda o medico; banham-se outros no Tejo porque lh'o pedem terceiros, que justamente receiam fazer figura triste, a sós, banham-se todos, emfim, aqui, ali, além... Bôas noites.

Entretanto, o pretendente D. Carlos, segundo os teletogrammas affirmam, projecta percorrer todo o antigo reino de Carlos V. Valha-o Deus, ao pretendente, que bem o merece, quando mais não seja pela innocencia da sua augusta telha. O antigo reino de Carlos V está quente, senhor pretendente.

Melhor faria a vossa attribulada magestade se fosse ás ilhas britannicas assistir ao jubileo da rainha Victoria, que é o quarto soberano inglez que completa cinquenta annos de reinado. Antes d'ella, deram-se apenas os jubileos de Henrique III, Eduardo III e Jorge III, todos tres, como se vê, da ordem dos terceiros.

Projectam-se festas magnificas. Accender-se-hão fogueiras, á mesma hora, nas montanhas mais altas da Inglaterra, Escocia e Irlanda. Até a Irlanda deita foguetes!

Quer um patriota que, á mesma hora, se toque o hymno inglez em todas as casas particulares onde haja, sequer, uma gaitinha de feira. Este patriota está ébrio. Quer outro que, tambem a um tempo, se plantem por toda a parte ramos de carvalho, que, na estação actual, infelizmente, talvez não peguem.

Pode muito a cerveja, mas em todo o caso:

— *God save the Queen!*



## VALENTINA

## I

Chamo-me Carlos Augusto de Mendonça e nasci, ha desenvolve annos, na villa de Mangualde, onde fui baptisado.

Os primeiros tempos da minha vida nada tem de notavel, a não ser o amor precoce que senti por uma linda pequerrucha, amor de que ainda hoje me envaideço, porque estabelece uma certa identidade entre mim, Carlos Augusto de Mendonça, e Lord Byron, o grande immortal do «Child-Harold» que se apaixonou aos oito annos pela microscopica Mary Duff.

Logo que fiz exame de instrucção primaria, metteram-me no Seminario de Santarem, onde meu tio era professor de latim.

A minha excessiva applicação fez alarido em todo o seminario. Os professores davam-me bons conselhos, os condiscipulos olhavam-me com inveja, e no dia da distribuição dos premios, o sr. governador civil, que tinha ido assistir á solemnidade, deu-me dois murros no hombro e disse-me: «Trabalhe, Carlinhos, e o futuro lhe dará a recompensa!»

Uma noite, enquanto não chegava a hora da ceia, estendi-me ao longo da cama e puz-me a ler o «Almanack de Lembranças», com o proposito de decifrar algumas charadas ou enygmias, o que, n'esse tempo, consistia para mim em dos mais deleitosos e apraziveis passa'empos.

Enquanto folheava o «Almanack» depararam-se-me uns versos de um poeta brasileiro.

Fiquei deslumbrado!

Nunca tinha lido cousa semelhante!

E, graças ao madrigal do ignorado escriptor de Minas Geraes, foi então, foi n'esse momento que eu senti rebentar em mim, n'um impeto de vulcão, o sagrado fogo da poesia.

Dirigi-me apressado para a meza d'estudo: desenrolei uma larga folha de papel e, desvairado, com os olhos a saltarem-me das orbitas, comecei a traduzir em verso uma fabula de Phaedro, cujos significados eu acabára de tirar para a lição do dia seguinte.

As rimas appareciam-me em torrentes, luminosas, como um chuveiro de rubis e diamantes: e, sem um esforço, espontaneamente, d'ali a pedaço, aquella fabula estava traduzida em redondilha maior, com vastos erros de metrificacão e grande somma de adjectivos disparatados.

Senti-me orgulhoso do meu trabalho! E quando me deitei tive um sonho extraordinario: sonhei com a Gloria que descia sobre o meu leito, roçando a chlamyde preciosa no travesseiro e collocando-me nos cabellos uma corôa de luirs, rutilante, de pequeninas bagas luminosas e fulgentes.

De manhã, quando acordei ao som estridulo da sineta, ergui-me d'um salto e puz-me a reler, com voz impetuosa e gestos de tribuno, as estremecidas quadras que eu fizera na vespera e que me pareciam incomparavelmente superiores ás maravilhosas quadras do poeta de Minas Geraes.

Senti-me glorioso, e, pondo-me em posição d'estatua, fui collocar-me defronte do espelho, a ver a figura que faria mais tarde quando estivesse em bronze, sobre um rico pedestal de marmore insculpido.

Depois do almoço fui para a aula de latim, tendo o cuidado de levar a minha traducção.

Apenas entrei, meu tio, que era o meu professor e que lá dentro, na aula, costumava tratar-me por *senhor*, disse, fungando uma pitada:

—Sr. Carlos, vamos á lição...

Ergui-me triumphantemente, e, em vez de olhar para o livro, recitei-lhe a minha traducção.

Quando acabei, meu tio volvendo-me o melhor dos seus sorrisos, perguntou:

—Quem fez isso?

—Fui eu, respondi, timidamente.

Então, meu tio pediu-me o papel onde eu escrevêra os versos e ao acabar de os ler, acariciando-me com a sua mão flacida e vermelhusca, prometeu-me um relógio de prata se continuasse a ser um estudante applicado como até ali.

Quando voltei para o meu logar os condiscipulos, estavam muito despeitados e vingaram-se dando-me os mais vigorosos beliscões.

A' tarde, no recreio, metteram-me n'uma roda, deram-me pontapés, disseram-me tudo o que lhes veio á cabeça e um d'elles teve a pouca vergonha de me chamar poeta d'agua dôce.

Ouvindo aquelle insulto, não tive mão em mim e engalfinhando-me n'elle, no Alves, dei-lhe um murro no nariz que o deixei a escorrer sangue.

Grças a esse murro, adquiri fama de valente e ninguem mais se metteu commigo.

D'ahi por deante nunca mais abandonei a dôce Mussa, a Bem-Amada de olhos consoladores, que me apparecia em noites de

lunar, com os cabellos soltos e os peitos nus, d'uma nudez lasciva que me estonteava.

Uma vez agarrei n'uns versos e mandei-os para um jornal.

E d'ahi a uma semana, a alegria que senti ao ler esses versos publicados no tom solemne da fórma typographica, foi a maior, a mais expontanea de todas as minhas alegrias.

As gazetas fizeram-me elogios, fallaram da minha precocidade, e em Mangualde era de ver as pessoas que iam visitar meu pae com o intuito de lhe dar os parabens pelo meu triumpho.

Aos doze annos era redactor d'um jornal: aos quatorze publiquei um livro de versos, aos quinze publiquei dois volumes. Um dia lembrei-me de vir continuar os meus estudos em Lisboa. Meu pae oppoz-se ao principio: mas depois cedeu.

Foi n'uma bella noite de outubro. O comboio seguia vertiginosamente: eu dormitava a um canto do wagon.

O ceu estava picado de estrellas e enquanto a locomotiva desfilava em curvas serpentinas, as arvores parecia que andavam para traz. De repente, o meu companheiro de viagem despertou-me.

—Onde estamos? perguntei-lhe, esfregando os olhos.

—Em Santa Apolonia.

Esta resposta estonteou-me.

Grças a Deus louvado estava finalmente em Lisboa, na grande capital dos meus sonhos, na bella cidade chymérica e fascinadora.

Saltei para fóra do wagon; um guarda da alfandega fez-me abrir as mallas, e uns homemsinhos de letreiros doirados no bonnet recomendavam-me os hotéis, com um palavriado que não deixou de me agradar.

Metti-me n'uma tipoiã e mandei bater. Então, enquanto as piléas seguiam vertiginosamente ao longo da Ribeira Velha, dei-tei a cabeça fóra da portinhola e com a bocca escancarada e os olhos vagos, comecei a ver aquillo tudo, os predios, as ruas, a gente que passava, as embarcações no Tejo e o bom luar caricioso e terno que deixava cabir o seu capuz cõr de leite ao longo da cidade.

A tipoiã parou na travessa de Santa Justa em frente do *Francfort*. Entrei no hotel, mudei de roupa e sahi immediatamente, saltando a dois e dois os degraus atapetados da escadaria.

Então, apenas me vi na rua, puz-me a correr ao acaso, sem destino. De repente achei-me junto de um café: era o Martinho. As luzes deslumbraram-me.

Mandei vir uma cerveja, dei um pataco de gorgeta ao Valentim e retirei-me a passos largos, arrastando o bengalorio no asphalto do passeio.

Assim passei a primeira noite em Lisboa.

D'ahi por deante fui-me aborrecendo successivamente e, sem relações, sem amigos, comecei a ter a grande nostalgia de Mangualde e do Seminario de Santarem.

Porém, apenas deccorrido um anno, achei-me relacionado com escriptores e artistas e tive a boa estrella de encontrar um amigo ás direitas, o meu querido Marcellino Gouveia, rapaz muito conhecido pelos seus trabalhos de esculptura.

Foi então que eu comecei a *viver* em Lisboa.

Pandegas, bom cavaco, ceias no Augusto e no Silva, toiradas emfim: uma delicia.

Foi então que eu comecei a *viver*.

Começa aqui a historia de Valentina, historia que eu vou contar fidelignamente, sem a mais insignificante omissão, para que mais tarde os vindouros não se vejam faltos de esclarecimentos quando quizerem fazer a minha biographia.

(Continúa).

EUGENIO DE CASTRO.

## Vasco da Gama e as investigações do sr. Teixeira de Aragão

## II

Vimos o estranho documento. O que prova elle?

Vejamos se algumas conclusões podemos derivar da sua leitura.

Confesso que tive um certo prazer quando o li. Confirmou-me todas as opiniões que eu aventurára na minha *Historia de Portugal*. Quando procurei definir o character de D. Manuel, assemelhei-o a Luiz XIV. Se o rei-sol tivesse morrido logo depois da paz de Ryswick, a semelhança seria mais completa ainda. Se D. Manuel tivesse reinado perto de sessenta annos como Luiz XIV, não teria de certo sido chamado o Venturoso. A decadencia do nosso dominio oriental viria muito mais rapida do que veio.

D. João III, por esta natural tendencia dos governos novos a



rem procurar aquelles que fizeram opposição aos antigos, foi buscar Vasco da Gama, e mandou-o para a India. Bastou a reaparição no Oriente d'aquelle homem de fortissima tempera, para levantar immediatamente o nivel dos espiritos. D. Manuel, depois de nomear D. Francisco de Almeida e Affonso de Albuquerque, fizera as nomeações mediocres de Lopo Soares de Albergaria e de Diogo Lopes Sequeira e a nomeação detestavel de D. Duarte de Menezes.

Porque era isto? Porque D. Manuel, da mesma forma que Luiz XIV, queria cortezãos e não fidalgos de animo independente. Diante da sua vontade despotica deviam dobrar-se todos, e os que não se prestavam a esperar nas ante-camaras do Paço a sua boa vontade e a mendigar os seus serviços, não eram bem vistos pelo despotico monarcha.

Foi por isso que Duarte Pacheco, o heroe do Oriente, foi posto de parte, foi por isso que D. Francisco de Almeida e Affonso de Albuquerque tanto tiveram que padecer com o seu desagrado, foi por isso que Fernão de Magalhães, irritado, foi levar a Hespanha o seu genio e a sua gloria, foi por isso que Vasco da Gama e Pedro Alvares Cabral se immergiram na obscuridade depois de terem illuminado com os maximos esplendores a aurora do venturoso reinado.

D. Manuel começara por aproveitar os genios que encontrara promptos para as grandes empresas, como Luiz XIV aproveitara tambem Turenne e Condé. Mas encheria-se da vaidade da sua omnipotencia; começara a persuadir-se, como o filho de Anna de Austria, de que d'elle emanava toda a força, todo o prestigio e todo o genio. Teve a superstição do sangue real. Por isso mandou a Africa o duque de Bragança. Entendeu que podia fazer generaes de ante-camara e substituir os velhos guerreiros da Africa e das Indias pelos gentis-homens da sua côrte. Foi isso o que o levou a mandar a India o marechal D. Fernando Coutinho, cujo valor imprudente e mal dirigido occasionou o desastre de Calicut.

Acima de tudo os principes, acima de tudo os cortesãos. Não era natural que elle tivesse um grande amor por D. Jorge de Lencastre, o filho natural de D. João II, que estivera quasi a preterir-o no throno; mas nas veias do bastardo ainda corria sangue real e isso bastava para que D. Manuel entendesse que diante da sua pessoa se devia inclinar o genio, a gloria, a heroicidade, que Vasco da Gama devia reconhecer que os seus feitos, os seus serviços, não valiam tanto como as gotas de sangue real, que em horas de delirante prazer el-rei D. João II transfundira para as veias do filho de D. Anna de Mendonça. Quando o conflicto se deu entre o heroe dos mares das indias e a inutil vergonteia do ramo de Aviz que disfructava em santa paz as fartas endas dos mestrados, D. Manuel não hesitou, deu razão e deu força a D. Jorge de Lencastre.

E o mestre triumphante fez archivar no tombo da sua casa esse vergonhoso documento pelo qual el-rei D. Manuel expulsava da sua propria terra, da terra do seu nascimento, o glorioso Vasco da Gama.

E Vasco da Gama obedeceu. E' que o poder real estava de veras solidamente estabelecido, e depois de D. João II já se não brincava com as ordens regias; saiu de Sines, e foi viver para Evora. Parece que habitou então n'umas casas que ainda existem, mas completamente arruinadas. Parece que mandou pintar na frontaria d'essas casas frescos allusivos ás suas viagens descobridoras. A tradição conservara-se no nome da rua em que estavam, que era o da *Rua das Casas Pintadas*.

O talentoso archeologo Augusto Filippe Semedo, que morreu tão desgraçadamente ha poucos annos, em resultado de suicidio, pediu á camara que mudasse o nome da rua das *Casas Pintadas* para rua de Vasco da Gama. Em carta que escreveu em 1871 ao sr. Teixeira de Aragão, affirmou tambem que «ainda aqui existem pessoas que se recorram de ter visto por cima da porta das casas chamadas de D. Vasco da Gama, pintados e dourados, uns indios, entre arvores e objectos orientaes, que se diziam allusivos ao descobrimento da India.

Como se vê porém, Vasco da Gama fugia da côrte. Não lhe fazia falta a regia presença, e D. Manuel, costumado a ouvir dizer que o seu sorriso enchia de jubilo o coração de todos os seus subditos, não lhe perdoava o desapego.

Na nossa *Historia de Portugal* diziamos a respeito de D. Manuel:

«Tem este nosso monarcha numerosos pontos de contacto com Luiz XIV.

A um e a outro dêram os chronistas lisongeiros o epitheto de Grande; um e outro bem pouco o mereceram; mas a nenhum se pôde negar a perspicacia natural com que sabiam rodeiar-se de homens notaveis que os illuminavam com os reflexos do seu genio.

Ambos souberam impressionar a posteridade com a magnificencia dos monumentos que lhe legaram, com os canticos laudatorios dos poetas, dos escriptores que sempre favoreceram e que lhes pagaram com a immortalidade a protecção illustrada. Se Luiz XIV teve Colbert, Louvois e outros ministros notaveis a cujas sabias medidas deveu a França o esplendor cuja gloria a Luiz XIV se attribue, a gloria de D. Manoel tambem principalmente se deve attribuir aos grandes homens que lhe governavam a India, e talvez não pouco ao modesto ministro que viveu sempre junto

d'elle na sombra, mas cujos talentos administrativos são incontestaveis, a Antonio Carneiro...

«D. Manoel, para ser em tudo feliz, morreu deixando no mundo ainda Antonio Carneiro, e com elle o segredo da sua administração e da sua politica, nunca de vistas largas, como já dissemos, mas sempre habil e prudente. Luiz XIV, para desgraça da sua gloria, sobreviveu a Colbert, e os desastres financeiros, a rapida decadencia da França, a miseria a que chegou, revelaram ao mundo que o genio que elle admirava não estava na cabeça do rei mas sim na do ministro. Quem sabe que revelações d'esse genero não teriamos tambem, se Antonio Carneiro precedesse no tumulto el-rei D. Manoel?

«Em todo o caso, ainda que uma parte da gloria se deve attribuir a Antonio Carneiro, fica a D. Manoel a de ter sabido comprehender o seu ministro, e de se curvar com docilidade ás suas boas inspirações...

«Uma grande nodoa, a expulsão dos Judeus e dos Mouros, manchou o reinado de D. Manoel, como a revogação do edito de Nantes estampou indelevel macula no reinado de Luiz XIV.»

Não é difficil encontrar maior numero de pontos de contacto, porque não ha duvida effectivamente que os dois caracteres são extremamente semelhantes. E' que um e outro subiram ao throno no momento propicio para serem a encarnação mais completada do despotismo monarchico. D. Manuel seguia-se a D. João, II que derubara com o seu b. aço potente as cabeças que ousavam manter-se erectas e altivas diante do throno; Luiz XIV entrara no poder depois de Richelieu ter quebrado tambem a altivez dos *grands seigneurs* que se julgavam inviolaveis e omnipotentes. Um e outro, por consequente, não admittiam já que houvesse alguém que ousasse mostrar diante do throno não velleidades de rebellião que eram já impossiveis, mas inflexibilidade de espinha dorsal. Sabiam, não ha duvida, descobrir os homens de merecimento, mas, se estes não sabiam ao mesmo tempo ser cortezãos flexiveis, eram postos de parte, deixados no esquecimento, maltratados, ou compellidos a abandonar o seu paiz e a ir servir no estrangeiro. Villars, que na era das catastrophes salvou a França em Denain, esteve por muito tempo, apesar dos seus talentos militares e da falta que elles faziam n'essas campanhas da guerra da successão em que as derrotas se seguiam ininterruptamente, afastado do commando. Vasco da Gama, que salvou a India em 1524, porque estava ainda muito verde o dominio portuguez para que não desse funesto resultado a corrupção descarada do governo de D. Duarte de Menezes, só foi chamado ao governo da India por D. João III.

O principe Eugenio de Saboya, cujo talento militar foi depois tão funesto á França, quando principiou a dirigir os exercitos allemães, foi obrigado a deixar o serviço de Luiz XIV porque este o tratou com supremo desdem, da mesma forma que Fernão de Magalhães foi levado a ir illuminar a Hespanha com a gloria da primeira viagem de circum-navegação pelos desdens de D. Manuel.

Alexandre Dumas, cujo enorme talento illumina ás vezes as epocas historicas que trata nos seus romances com o clarão do seu genio verdadeiramente adivinhador, pinta admiravelmente esta feição de Luiz XIV quando descreve a scena que Athos—o conde de la Fére—com elle teve por causa do visconde de Bragelonne. Athos é o velho fidalgo inflexivel que Luiz XIV não tolera, apesar de lhe reconhecer as altas qualidades. Pois Vasco da Gama era um pouco para D. Manoel o que o Athos do romance era para Luiz XIV.

PINHEIRO CHAGAS.

(1) A horta do almirante em Sines pertence não á sr.<sup>a</sup> viscondessa de Benalcanfor, mas ao tio d'esta senhora, o sr. conde de Bracial. Assim rectificamos uma nota do artigo anterior.

## DOIS CADAVERES

(PAE E IRMÃO)

I

De noite, pelo escuro dos espaços,  
Quando nem luz a estrella—de repente,  
Como se fôra um sonho que não mente,  
Vejo uma Sombra que me estende os braços.

Chorae meus olhos humidos e baços,  
Que eu sei quem és, ó Sombra persistente,  
Porque nunca d'um pae o filho ausente  
Poude esquecer os merecoreos traços.

O' vida, ó luz do Azul já não me alegras!  
Só chove pranto d'essas nuvens negras  
E n'esta immensa dôr tudo me vae...

Quando eu morrer desejo a mesma terra...  
Pois que bem deve a campa que o encerra  
Conter um filho junto de seu pael...





MODAS



## II

E vêde, se o meu féretro não ha de  
Buscal-a brevemente... (triste espelho!)  
Pois quando sobre um tumulto ajoelho,  
Chora lá dentro um *duo* de saudade.

Não sabeis?... E' que a Sombra com piedade  
Dissera a meu irmão: «Toma um conselho,  
João, anda guiar o pobre velho  
Pelos caminhos vãos da Eternidade!»

Elle partiu. E então vi minha mãe,  
Seguindo a Desventura, como quem  
Vae resgatar os mortos com seu pranto.

Quando eu morrer, desejo a mesma terra...  
Pois que bem deve a campa que os encerra  
Conter quem sobre a campa os amou tanto!...

ANTONIO FOGAÇA.

## OS CRITICOS E OS ACTORES

Um desagradavel incidente produziu-se no Theatro de Paris, durante o ensaio geral do Festival, organizado pela sr.<sup>a</sup> duqueza d'Uzés a beneficio do asylo de Villepinte e das victimas do incendio da Opera-comica.

O nosso collega do *National*, o sr. E. Stoullig, estava assentado no seu logar, conversando com uma senhora; o sr. Capoul chegou-se a elle e perguntou-lhe: «o sr. é o sr. Stoullig?». Em seguida á resposta affirmativa do nosso collega, o sr. Capoul exclamou: «O sr. escreveu uma infamia contra mim», e ao mesmo tempo deu uma bofetada no sr. Stoullig.

As pessoas presentes levantaram-se e obstaram a que a aggressão degenerasse em rixa. Em vista do que, o sr. Stoullig pediu aos srs. Bauer e Fouquier que déssem á questão o seguimento que julgassem conveniente.

Não é a primeira vez que se debate o assumpto que diz respeito ás relações da critica com os comicos, e o dos limites que essa critica deve ter; não é a primeira vez que se originam, n'essas relações, incidentes deploraveis. Nada se me afigura entretanto mais facil de estabelecer, do que os reciprocos direitos do critico e do actor. O critico pôde apoderar-se de tudo o que o comediante entrega ao publico: o seu jogo scerico, a sua maneira de interpretar os papeis, a sua indole, a sua belleza ou a sua fealdade, o seu vestuario, a inflexão da sua boa voz, tudo isso nos pertence.

Quanto ao tom da nossa critica, reduz-se a uma questão de estylo, de bom gosto, de educação literaria. A nossa opinião pôde ser expressa de uma maneira violenta e brutal, com tanto que não seja injuriosa, isto é que não accuse o actor de que se occupa, de um determinado vicio. De resto, os actores e as actrizes não teem nada a lucrar com certas restricções crueis, em que primam os criticos cujas flechas são ligeiras, para acertarem melhor e penetrarem mais fundo. N'isto, como em tudo, a moderação é mais severa do que o arrebatamento, e produz mais effeito.

Mas a critica, que deve ser, não careço dizel-o, absolutamente desinteressada, termina ante a vida privada dos actores.

E' pois, para o effeito, inteiramente indifferente, que os actores sejam, como muitos são, homens pundonorosos ou simples traficantes, e que as actrizes, dentro da sua casa, sacrifiquem a Vesta ou a Venus. Por muito difficil que o facto se afigure na pratica, é de regra que nada saibamos dos comicos fóra do theatro.

As nossas sympathias d'homem e as nossas opiniões de critico não podem confundir se. E sempre que nos não seja possivel esquecel-as completamente, é mister que não escutemos as antipathias que nos aconselharem uma injustiça, se não podermos evitar a influencia da amizade que nos conduz á indulgencia.

Creio que tudo que deixo dito será approved por todos os comicos serios, e praticado, na immensa generalidade dos casos, por todos os criticos.

A independencia é a base fundamental da critica.

Não quero com isto affirmar que a critica faça sempre tudo o que deveria fazer; mas asseguro que ella conhece os seus deveres. Proclama-os. E esses deveres, como todos os deveres do mundo, constituem-lhe direitos inalienaveis. O primeiro direito que lhe assiste é ser irresponsavel pelas suas opiniões, sempre que, permanecendo na forma, estranha á injuria, affirmar ou negar o talento dos actores.

O jornalismo estabelece entre os que o exercem uma solidariedade, que não se estende ás pessoas, mas que é absoluta em questões de principios.

Assim, quando, por desgraça, um jornalista injuria ou calum-

nia um confrade, ou qualquer outra pessoa, se recuzar, sem explicar porque o faz, dar uma reparação legitima, expõe-se a ser desauthorizado.

Da mesma forma, quando um critico se vê provocado, investido, ferido mesmo por um actor, a proposito da sua obra de critico, ousa affirmar que o dever profissional, impondo-se-lhe acima do temperamento e da necessidade de reparações violentas, lhe prohibe violar uma tradição, que não se pôde abandonar sem perigo.

Não ha n'esta opinião nada de offensivo para os comicos, que em quanto se conservarem na sua esphera de homens particulares, estão fóra do debate: não se trata senão de dois officios, que teem entre si constantes pontos de contacto, de duas actividades em que o publico é interessado e que devem livremente exercer-se, collocando se ao abrigo de qualquer acto de intimidação ou violencia.

O critico que vai ao theatro e que julga o talento de um comediante, assume, no exercicio da sua missão, importancia correspondente á de um magistrado. Quem tentar intimidá-lo ou insultá-lo, commette um delicto, mas não attinge a sua honra.

Penso que é absolutamente necessario affirmar estes principios e esta jurisprudencia, qualquer que possa ser a vontade que se tenha, em caso de conflicto, de fazer justiça summaria.

Os actores teem direito de resposta, como a outra gente, e não se privam de o usar, não raro, com espirito. O que é inteiramente impossivel, é conceder-lhes o direito á violencia contra as pessoas. Podem facilmente fazer-se defender, e sobre tudo defenderem-se pelo seu talento. A sua situação é, mesmo, sob este ultimo ponto de vista, privilegiada.

Que podemos nós contra um homem, que todas as as noites, quatro ou cinco mil pessoas applaudem? Se a justiça e a independencia não estivessem no espirito dos criticos, seria o publico que lh'a imporia!

Talma e Rachel tiveram, na imprensa, inimigos que não os pouparam: o que não alterou, por forma alguma, a sua gloria.

A verdade é que os criticos podem vibrar um golpe bem funesto a um actor mediocre, ou mau, insistindo nos seus defeitos, mostrando o que elle pode fazer e não faz. Esse facto, porém, não se dá em relação a um bom actor, a um cantor eminente.

Esta situação dos comediantes, privilegiados, deveria, repito, tornar os mais pacientes, a proposito dos criticos. A culpa, porém, é um pouco da critica, da sua habitual indulgencia, de uma certa timidez nos seus juizos, de uma verdadeira exaltação nos seus elogios.

Grande parte dos actores estão habituados, verdadeiros semideuses sustentados de incenso, a não ouvirem nunca o seu nome sem ser acompanhado de epithetos os mais lisongeiros; adquiriram o doce costume de verem as suas menores acções e gestos referidos sympathicamente nas gazetas, que fallam d'elles como se se tratasse de personagens ou de reis. Só pelo facto de possuir, por favor da natureza, um órgão vocal bem timbrado, ha tal que tem vivido uma vida que os homens de genio, uteis á humanidade, poderiam invejar-lhe... E estes sybaritas da fama e da gloria, se uma petala de rosa os incommoda, julgam-se verdadeiramente sacrificados e lançam gritos terriveis!...

É certo que esses gritos provocam o riso. Mas a opinião não pode admittir o procedimento dos comicos, que não contentes com as vinte e quatro horas regulamentares que teem para amaldiçoar os seus juizes, ainda tomam por sua conta e risco outras vinte e quatro para os aggreir. O acto violento do sr. Capoul merece ser severamente julgado.

É indispensavel adoptar-se um partido; o unico meio que resta á critica de manter a sua independencia, é considerar, como se não existissem, as injurias e as provocações que poderão saltear no decurso do seu exercicio profissional.

NESTOR.

## OS CRIMES ELEGANTES

(Continuado do n.º 47)

VIII

### A doença do conde de Sendim

Robert o, depois de acompanhar os medicos até á porta, voltou para o quarto de seu pae.

O conde de Sendim, entretanto, muito pallido ainda, mas com o parecer um pouco mais animado, conversava com a sua governante, inqueria minuciosamente tudo o que se tinha passado, queria por força saber por miudos o que os medicos diziam d'elle e procurava com o olhar muito fixo, investigador, penetrante, lêr





M. MAZEAU  
(Ministro da Justiça)



M. FLORENS  
(Ministro dos Negocios Estrangeiros)



M. DE HÉRÉDIA  
(Ministro das Obras Publicas)



M. BARBE  
(Ministro da Agricultura)



M. SPULLER  
(Ministro da Instrução Publica, Bellas-Artes e Cultos)



M. ROUVIER  
(Presidente do conselho e Ministro das Finanças)



GENERAL FERRON  
(Ministro da Guerra)



M. DAUTRESME  
(Ministro do Commercio)



M. BARBEY  
(Ministro da Marinha)



M. FALLIÈRES  
(Ministro do Interior)

O NOVO MINISTERIO FRANCEZ



nas feições da sua leura amante a impressão que lhe causava o seu estado de saúde, descrever pela expressão do rosto da governante a verdade inteira acerca da sua doença.

Antonina, assustada com aquella repentina loquacidade do conde, temendo que lhe fizesse mal, no estado de fraqueza em que elle estava, o fallar tanto, respondia apenas por monosyllabos ás suas perguntas, para ver se assim punha ponto na conversação, e o obrigava a calar-se.

Mas o doente cada vez fallava mais.

As respostas seccas e breves de Antonina tomava-as como um symptoma de terror que a sua doença lhe inspirava, meda que ella tinha de, fallando mais, não ter a descripção necessaria para lhe occultar a gravidade do caso; e por isso, assustado já de si, assustado mais ainda pelo motivo a que attribuia o laconismo das respostas da sua amante, o conde repetia as perguntas cada vez mais, procurando com um grande e justificadissimo interesse intirar-se bem da sua situação, ficar sabendo ao certo o que julgar de si e do seu estado.

E como Antonina persistisse no seu quasi mutismo, como por mais perguntas que lhe fizesse só obtinha respostas d'um laconismo mysterioso que nada respondiam, o conde de Sendim impaciente, irritado, nervoso, mudou completamente de tom, e com um ar de commando que lhe não era habitual, que nunca havia nas suas palavras para ninguem, e muito menos ainda para a sua adorada amante, disse-lhe:

—Pois bem, quero, cuve? quero que me responda claramente, que me diga a verdade toda; quero saber o que disseram os medicos durante o seu desmaio, quero saber se elles me julgam perdido, quero ouvir? quero.

Antonina, muito surprehendida com este tom imperativo, completamente novo para com ella, e sentindo ao mesmo tempo que não tinha que responder, porque os medicos tinham sido desapiedados, crueis, nos seus prognosticos e porque tinha esgotado já, nas respostas anteriores, todos os subterfugios da mentira para illudir o doente, para mascarar a sentença tremenda dos homens da sciencia, Antonina comprehendeu, n'um momento, que o unico meio que tinha de sahir da sua situação melindrosa, de desviar o curso da conversação, era mostrar-se escandalisada, offendida com os modos bruscos e as palavras duras do seu amante.

E pondo logo em pratica o seu plano, a governante do conde levantou-se immediatamente ao segundo quero do seu amante e dirigiu-se silenciosamente para a porta, sem lhe dar a mais ligeira resposta, sem para elle olhar sequer.

O conde porém olhava-a attento, surprehendido, sem comprehender o que queria dizer aquillo, o que ella ia fazer; e quando Antonina ia a transpor a porta do quarto, perguntou-lhe muito admirado:

—O que é isso? O que é isso? onde vai?

—Vou chamar as suas creadas, respondeu ella seccamente.

—As minhas creadas? repetiu o conde aturdido, sem perceber inteiramente nada.

—Sim, ellas estão já deitadas, vou chamal-as.

—As minhas creadas para que? perguntou o doente espantado.

—Para o sr. lhes dar as suas ordens, tornou ella imperturbavel.

—As minhas ordens? Quaes ordens! Eu não tenho ordens nenhuma a dar... tornou o conde muito intrigado. A quem disse eu que queria dar ordens ás creadas?

—Não disse que queria dar ordens, mas deu-as, explicou por fim com muita tranquillidade Antonina!

O conde olhou para ella sem comprehender.

—E como me parece que, aqui em casa, ainda o senhor só dará ordens ás suas creadas, por isso vou chamal-as.

—Dar ordens... mas, eu dei ordens?...

—Não disse, exigo, quero? tornou Antonina fitando agora o conde e n'um tom em que se podia já ver claramente o despeito, o melindre, a escandola; ora como essas palavras na sua bocca só se podem dirigir ás suas criadas... porque faço á sua delicadeza e ao seu bom senso a justiça de acreditar que nunca pensaria em dizel-as a mim, por isso eu ia...

O conde comprehendeu então tudo: percebeu que tinha sido duro, violento para com aquella mulher a quem amava loucamente, a quem devia tudo, e ficou vivamente impressionado, profundamente arrependido.

E desatou a chorar, commovidissimo, n'uma crise nervosa, que o seu estado explicava perfeitamente.

Ao vel-o a soluçar, debulhado em lagrimas, estendendo-lhe os braços e balbuciando entre prantos:—Perdão! Perdão!—Antonina, comovidissima tambem, voltou logo atraz, e lançando-se-lhe nos braços, cobrindo-o de beijos, afflicta realmente por ter provocado aquella crise, que não esperava fosse tão violenta, disse-lhe:

—Então o que é isso? Tenha juizo! Então! Então! Eu estou aqui, ao pé de si... Não chore! Olhe que lhe faz mal isso!

—Vae-te embora, vae, tens muita razão, soluçava o conde, eu sou muito mal creado, sou um estúpido, sou um ingrato! Vae-te embora! deixa-me sosinho, que é o que eu mereço...

—Então! Então! dizia apenas Antonina, olhe que assim peiora.

—Deixal-o piorar! Tornára já morrer, bradava elle todo lavado em lagrimas. Estás de mal commigo, e tens muita razão. Eu offendi-te, maltratei-te: estás offendida, já não és minha amiga, para que me serve viver?

—Sou tua amiga, sou, meu filho! affiançava-lhe então Antonina com grande expansão de ternura, e cobrindo-o de beijos: sou muito tua amiga: não estou mal commigo: tem juizo, não te exaltes.

—Estás de mal commigo, estás, que eu bem vi, insistia o doente.

—Não estou, não, juro-te: aquillo era brincadeira, era para ver o que tu dizias, explicava Antonina.

—Não era tal: era a serio e tinhas muita razão, teimava o conde. Eu fui muito mal creado: eu, que nem beijando o chão que tu pisas te pagaria tudo o que te devo; eu, que te adoro, atrever-me a tratar-te assim... a dizer-te quero, exijo, oh! meu Deus! Tu poder-me-has nunca perdoar uma offensa d'estas?

—Estás perdoado, meu amor, estás perdoado. E agora zango-me, e zango-me devéras então, se tu continuas a fallar n'isso.

—Mas perdoas, perdoas? supplicava, insistia o conde muito humilde, fazendo-lhe festas, com uns modos de creança, que seriam muito ridiculos, muito grotescos n'outra qualquer occasião.

E os dois, abraçados um ao outro, estiveram assim um longo momento, beijando-se, acariciando-se, fazendo as pazes.

De repente, muito vermelha, muito afogueada, de estar debruçada sobre o leito, das caricias do seu amante, das lagrimas que chorára, e da commoção que soffrera, Antonina ergueu-se e, pondo-se de repente muito direita, compondo o seu cabello desmarchado, a sua toilette um pouco em desordem, disse ao conde:

—Schi! socegue e tenha juizo!

O conde olhou para ella muito admirado e sem comprehender.

E ia a estender-lhe de novo os braços, porque se sentia melhor com as caricias da sua formosa amante.

Antonina, porém, afastou-se do alcance dos seus braços e sentando-se n'uma cadeira, a distancia, impoz-lhe silencio com um gesto, olhando para a porta.

O conde seguiu esse olhar.

Roberto, o seu filho, assomava á porta n'esse momento.

(Continúa).

GERVASIO LOBATO.

## AS NOSSAS GRAVURAS

O DR. PATROCINIO DA COSTA

O dr. João Ignacio do Patrocínio da Costa, cujo retrato hoje offerecemos gostosamente aos nossos leitores, é natural de Braga. Foi ahi que aprendeu as disciplinas que constituem a instrucção primaria e a secundaria.

Concluidos os seus preparatorios no lyceu da mesma cidade, foi para Coimbra, matriculando-se no primeiro anno de philosophia e de mathematica.

Em Coimbra, como em Braga, deu o moço estudante as mais evidentes provas da sua intelligencia, merecendo os louvores dos seus mestres, que se gloriavam por um tal discipulo, e as sympathias dos seus companheiros nas lides escolares, pela lhaneza do seu character.

Entre o 2.º e o 3.º annos de mathematica, teve uma interrupção; mas querendo continuar mais tarde os seus estudos, matriculou-se no 3.º anno mathematico em outubro de 1863, seguindo regularmente o curso.

A sua formatura n'aquella faculdade foi em julho de 1866, tendo sido laureado em todos os annos.

Em seguida, o moço estudante frequentou as cadeiras que lhe faltavam em philosophia, e em julho de 1867 concluiu a sua segunda formatura, tambem com distincção, tendo obtido dois premios e um *accessit* n'aquella faculdade.

O dr. Patrocínio da Costa, proseguindo com a mesma vontade com que até ali, matriculava-se em 1868 no 6.º anno mathematico; em julho de 1869 defendeu these e fez exame de licenciado, mas só tomou capello em 1870, sendo-lhe deferido o pedido de doutoramento gratuito.

Aqui terminou o nosso biographado os seus estudos officiaes, dedicando-se então ao professorado, carreira em que tinha de prestar, como temos visto, os mais relevantes serviços ao seu paiz.

Por portaria de outubro de 1870 foi o sr. dr. Patrocínio da Costa nomeado professor provisorio do lyceu de Vizeu, onde ensinou mathematica e grego até 1874.

Em setembro d'esse anno pediu a exoneração, porque teve de ir a Coimbra para concorrer a uma substituição na faculdade de mathematica.



Perante um jury composto dos doutores Raymundo, Coelho, José Fação, Florencio, Garrett, Luiz da Costa e Souto Rodrigues, foram dadas as provas publicas em janeiro de 1875.

O dr. Patrocínio, que ficou preterido por maioria, continuou exercendo o ensino livre; mas vagando mais tarde, na Escola Polytechnica, a cadeira de lente substituto de mathematica, o nosso biographado veiu ao concurso, deu as provas em janeiro e fevereiro, e foi despachado lente por decreto de 14 de março de 1878.

Além das theses e dissertações em mathematica como provas para o seu doutoramento e concursos, documentos comprovativos do seu bello talento e grande competencia, o dr. Patrocínio da Costa tem dado á estampa trabalhos scientificos de grande valor.

Citaremos, entre elles, uma «Trigonometria espherica» para o ensino na 1.ª cadeira na Escola Polytechnica, e um compendio das «Primeiras noções de geometria analytica», pela ultima reforma introduzida no 6.º anno dos lyceus.

Estes dois livros, que revelam a competencia de professor, denunciam tambem o homem trabalhador, que, em vez de destinar ao descanso as horas que lhe sobram das suas lides escolares, as dedica ao trabalho, que não só reverte em gloria propria, mas em proveito da mocidade estudiosa.

Não se tem limitado, porém, o sr. dr. Patrocínio a esse genero de trabalhos.

A litteratura tambem lhe tem merecido especial cuidado: a poesia ancontrou n'elle um dos seus bons cultores.

Em 1871 publicou dois volumes de poesias lyricas, a que deu o nome de «Flôres de espinhos», e em 1876 um poema em 12 cantos, intitulado «Viagens no systema planetario.»

Ha ainda uma outra obra do mesmo auctor, e essa mais recente. E' o poema heroico «Romeu e Julieta», publicado em dezembro de 1885.

#### MODAS

O figurino que hoje offerecemos ás nossas leitoras, tem um *Cachet* eminentemente parisiense.

Ahi vae a descripção:

Corpete muito elegante de seda e rendas, tendo o feitio de casaca, com rebuços e golla. Este corpete abre na frente sobre um outro, de renda, deixando ver uma camisinha de surah, franzida, com um rufo que forma a golla. Tres applicações de fita, sendo uma na cintura, cingem o corpete de renda, terminando em laço; guarnecem o corpete tres ordens de folhos de renda apanhados nas ancas, e formando um puf. Mangas lisas e curtas, enfeitadas no canhão com um laço de fita.

#### O NOVO MINISTERIO FRANCEZ

Damos hoje os retratos dos novos ministros francezes, fazendo-os acompanhar de uns ligeiros perfis biographicos, que copiamos de uma folha parisiense.

*Mr. Rouvier*, presidente do conselho.—Tem 45 annos e nasceu em Aix, na Provença. Foi empregado do commercio, e a sua especialidade são as questões financeiras e economicas. Conhece o orçamento por dentro e por fóra.

O actual chefe do gabinete serviu com o governo da Defeza Nacional e fez parte, em 1881, do ministerio Gambetta, como ministro do commercio, ao lado de Paul Bert e Allain-Targé.

Maurice Rouvier era redactor da «Egualdade» de Marselha, quando, em 4 de setembro de 1870, Gambetta o nomeou secretario geral da prefeitura de Bouches-du-Rhone.

Nas eleições supplementares de 2 de julho de 1871, foi pela primeira vez eleito deputado, tomando lugar, com os seus outros collegas, no grupo da união republicana.

Maurice Rouvier era presidente da commissão do orçamento, que provocou a ultima crise, impondo economias ao defunto gabinete Goblet. Constitucionalmente, devia pois ser elle o encarregado de organizar o novo ministerio, e assim succedeu.

Além da presidencia do conselho, Rouvier encarregou-se das pastas da fazenda, correios e telegraphos.

*Fallières*, interior.—Geriu já a pasta do interior no gabinete Duclerc. Depois da retirada d'este ultimo, foi, durante algum tempo, presidente do conselho, e até mesmo um pouco ministro da guerra e da marinha, quando a questão dos principes affastou do governo o general Billot e o almirante Jauréaguiberry.

Era um fardo muito pesado para elle, tudo isto, e cahiu doente. Desde então, ficou de reserva.

Conta-se a seguinte anedocta:—Ha tempos, pronunciava Fallières na Camara dos deputados, sendo presidente do conselho, um discurso muito grave. A Camara era toda ouvidos. De repente, o orador cala-se, e d'ahi a pouco exclama:

—Demonic! Está chovendo a potes!

Fallières tinha-se esquecido de levar chapéu de chuva.

A camara riu a bom rir.

*Flourens*, estrangeiros.—O unico sobrevivente do ministerio anterior.

Ninguem esperava que este ministro de Goblet ficasse no novo gabinete, e que Boulanger sabisse.

Coisas do destino!

*Spuller*, instrucção publica, cultos e bellas artes.—O antigo logar-tenente e amigo de Gambetta, sub-secretario d'Estado nos negocios estrangeiros durante o grande ministerio. E' a primeira vez que sobraça uma pasta.

Spuller é advogado e um dos principaes redactores da «Republique française.» Herdou o «embonpoint» de Gambetta, mas o seu envolucro espesso contem um espirito muito fraco.

Foi deputado por Paris desde 1876 até 1884.

*Heredia*, obras publicas.—Antigo presidente do conselho municipal de Paris, e deputado de la Seine, mr. Heredia é originario de Cuba. Naturalisou-se cidadão francez em 1870. O seu rosto tem a «nuance» d'um charuto «colorado». Falla com facilidade, mas não abusa da tribuna. Pertence á esquerda radical. E', antes de tudo, um homem pratico, e o seu logar estava marcado no actual gabinete, que não passa d'um gabinete de negocios.

*Dautresme*, commercio.—E' a segunda vez que o chamam a encarregar-se d'esta pasta; mas a primeira, em 1886, foi por tão poucos dias, que não vale a pena fallar n'isso.

Deputado por Elbeuf e compositor de musica, mr. Dautresme foi em tempos condemnado, por vias de facto sobre o empresario da Opera-Comique, mr. Carvalho.

O novo ministro engrandeceu-se no commercio de pannos e no commercio das Musas. A sua côr politica é muito indecisa, mas pende para a esquerda radical.

Dautresme compoz em tempo uma opera-comica, intitulada *Cardillac*.

*Mazeau*, justiça.—Como os povos felizes, não tem historia. Tambem não tem barba nem cabelo.

Dizem que é um jurisconsulto muito distincto.

Tem assento na Camara alta desde 1871.

*O general Ferron*, guerra.—Pertence á arma de engenharia e é general de divisão. Foi chefe d'estado-maior no 9.º corpo de exercito, em Tours, sob as ordens do general de Gallifet, e sub-chefe d'estado-maior general do exercito, no tempo do ministerio Campenon.

E' auctor de trabalhos technicos muito apreciados, e dá o cavaco por fazer discursos. Tem 57 annos.

*Barbey*, marinha.—Um official de marinha sem serviços. Reformou-se em capitão de fragata.

No entanto, parece ter alguma competencia, porque fez parte de todas as commissões extra-parlamentares sobre questões de marinha e das colonias.

*Barbe*, agricultura.—E' o nome imprevisto, inesperado; é surpresa, o «clou» da peça ministerial.

Os seus collegas nem mesmo talvez de vista o conhecessem. E' deputado por Seine-et-Oise desde 1885. Fundou as fabricas de dynamite de França, Portugal, Hespanha, Italia, Suissa, Belgica, Chili, Perou, Brazil e Mexico, e tem adquirido n'este negocio uma grande fortuna.

Tem 52 annos; é condecorado com a Legião de Honra, e foi em tempos official de artilheria e de engenheiros.

Barbe é um chimico distincto.

#### ROSA COLHENDO FLORES

Rosa demorou-se a colher flores em vez de ir levar á sua avó o cestinho que para esse fim a mãe lhe dera.

Veiu um lobo e apostou que chegaria primeiro a casa da velhinha se Rosa lhe ensinasse o caminho.

A pequenita accitou a aposta. O lobo foi, e, dizendo ser a neta, de caricia em caricia devorou a pobre velha. Quando a pequenita chegou deu-lhe igual destino.

Esta historia, que a nossa gravura representa, encerra uma grande maxima, isto é, que as creanças que não cumprem as ordens que lhes dão seus/paes ou seus superiores, correm graves riscos para a sua inexperiencia e para a sua innocencia.

#### CASTRO MARIM

Castro Marim, villa no Algarve, a 240 kilometros ao sul de Lisboa, contendo 930 fogos e 3:700 almas, é uma das bonitas villas d'aquella provincia.

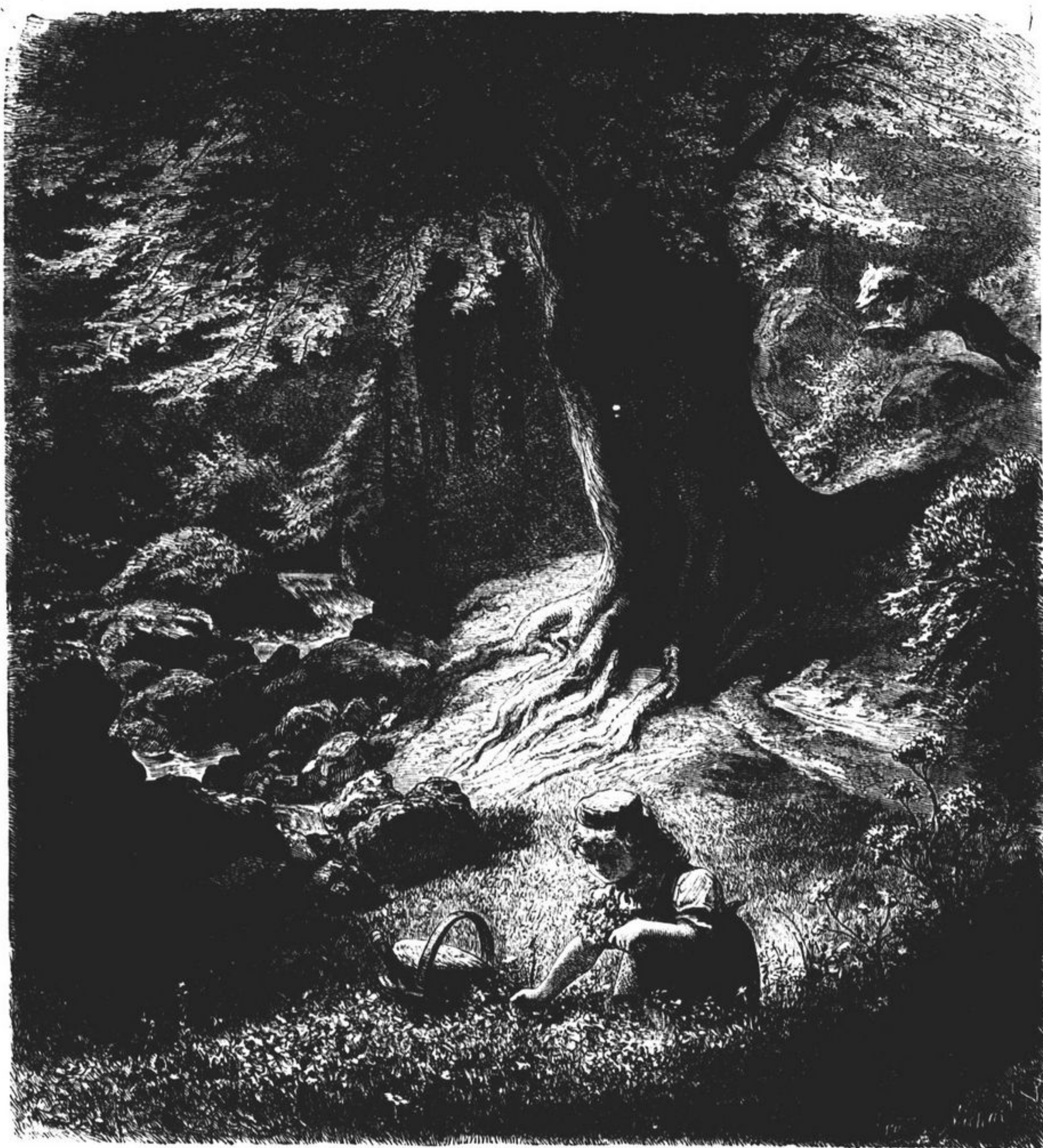
Em dois outeiros, um a Este e outro a Oeste, estão o castello construido por D. Diniz e reedificado depois por D. José, e o forte de S. Sebastião, construido por D. João IV. Castello e forte comunicam entre si por uma estrada coberta.

A villa está fundada em redor do castello; mas, como a população foi crescendo, a maior parte d'ella é extra-muros.

E' povoação antiquissima.

Ha quem pretenda que os seus fundadores foram os pheni-





ROSA COLHENDO FLORES



cios pelos annos do mundo 3050, ou 95¼ antes de Christo, porque navegavam muito pelo Guadiana em busca de minas metalicas, e foram os primeiros exploradores das celebres minas de S. Domingos.

D. Payo Peres Corrêa, fronteiro-mór do Algarve, expulsou d'ella os romanos pelos annos de 1242.

D. Affonso III mandou-a povoar em 1277.

Esta povoação, muito vasta em tempos antigos, tem grandes marinhas de sal. E são o sal, os figos, as amendoas e o peixe salgado o que constitue a maior e melhor parte de seu commercio.

As suas ruas são alegres e guarnecidas de muitas casas boas.

Poucos sitios ha em Portugal de onde se gozem tão deliciosas vistas como do castello de Castro Marim. A SO vê-se a foz do Guadiana, a linda povoação de Villa Real de Santo Antonio e o mar. Ao S. vê-se o Guadiana, a cidade hespanhola de Ayamonte, e montanhas da Andaluzia. Ao E. as serras de Alcoutim e outras; ao N e NO vastas e ferteis planicies, bonitas aldeias, e ao longe varias montanhas.



## PENSAMENTOS E APHORISMOS

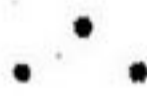
No Olympo, o deus do pensamento é um homem; mas que faz este Apollo sem as nove musas? Ora, as mulheres são as musas das paixões.



Eleitos ou reprobos, precitos ou resgatados, o nosso destino commum está ligado ao Eden ou a Belthlem: remontamos todos a Eva ou a Maria. *Ab Jove principium.*



A virtude, quando feia, é uma praça forte que não abaixa a ponte levadiça, porque ninguem lhe bate á porta.



O oriente e o occidente deixam-se abalar por causa de Helena, a viuva de cinco maridos; Hercules é vencido por Omphale; Antonio é subjugado por Cleopatra; Eurydice arrasta Orpheu aos Campos Elyseos; Merlino é encarcerado por Bibiano; Fastrada, morta, agrilhôa Carlos Magno ao seu tumulo; Beatriz eleva Dante até ás veredas azues do Paraizo.



A mulher é a ultima palavra do creador. O grande mestre formou primeiro os mundos, depois o mastodonte, depois a agua, depois o leão, depois o homem e por ultimo a mulher. Formada esta, descansou para se rever na sua obra.

## EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

### Charadas em verso

Do velho Antonio Maria,  
—Um portento de ironia!—  
Elle a casa frequentava;  
Ridiculos e pepineiras,  
Nas soirées ás quintas-feiras,  
Em bellos versos troçava.—1

Como por capricho, o amigo  
Foi feito em azedo figo,  
Voltou o bom maganão,  
P'la immensa dor torturado,  
Aos braços do dedicado  
E velho amigo Pimpão.—4

Varios nomes tem usado,  
E se bem estou lembrado,  
P'los hébés sentiúdo dó,

Fez-lhes muita historieta,  
Co'o nome,—isto não é peta,—  
Dona Maria do O'.

Aos vaidosos mais aos tontos,  
Elle lhes chega nos Pontos  
Que sempre acha vulneraveis,  
Ora em prosa scintillante,  
Mas sempre acre e causticante,  
Ora em versos adoraveis.

MATHEUS JUNIOR

Nos tempos já passados tu brilhaste,  
Aurigera no mundo fulguraste  
Mostrando teus vestidos;

Emquanto conselheiros já senis,  
Te off'reciam pérolas e rubis,  
Por ti d'amor perdidos.—1.

Vivias n'esse tempo regalada,  
Com certa fortuninha accumulada  
A' custa de mil tolos;

Em vaso não de cobre o ouro tinhas,  
Formando com papel essas loirinhas,  
Appetecidos rôlos!—2.

Hoje, porém, ao vêr-te abandonada,  
Morta, sem vida, já sem luz, sem nada,  
Enanimada, fria!

Por compaixão no todo te involvi,  
Mandando em letras gordas pôr ali:  
—Luz que brilhou um dia!...

Vizeu

PEQUENO ANTONINHO.

### Logogriphos

(Offerecidos ao insigne charadista Rei Chiquito)

Nas mansas aguas do rio 9, 5, 7, 12, 6  
Na larga extensão do mar, 1, 5, 6, 8, 5, 4, 5,  
Na infinda amplidão do ceu 14, 5, 11, 5, 13, 8, 6, 12, 3, 8  
Na branda luz do luar 14, 5, 6, 6, 2, 11  
No vasto reino de flora 10, 11, 5, 7, 2  
Nas producções do pomar 3, 8, 9, 14, 12, 11, 5  
Na pleiade dos poetas  
Has-de tal nome en ontrar

E' vil merece desprezo, 7, 8, 2, 4, 10, 9, 12  
Esta manhosa sujeita, 17, 2, 8, 4, 14, 15, 16, 4, 6, 15  
Pois commettendo tal crime, 5, 17, 8, 1, 3, 11, 16, 13, 4  
Ficou muito satisfeita, 15, 12, 17, 8, 5, 17  
Do logogripho ao conceito  
Meu caro leitor attenda;  
No todo achará defeito  
Sim sr., mãs não se emenda.

Este genio desenvolto 3, 1, 1, 2, 7, 8, 6, 2, 10, 11,  
Causou morte, causou dor; 4, 5, 9, 4, 10, 1, 1, 11  
Agora porem tranquillo, 7, 8, 3, 2, 10, 11  
E' nullo, não tem valor, 6, 1, 1, 9, 10, 11  
Um insigne charadista  
Natural de terra luz  
Nas producções charadescas  
Este pseudonymo usa.

CASIMIRA LEITÃO.



## Decifrações

DAS CHARADAS EM VERSO: — Fel'pud — Banazola.  
DO LOGOGRIPHO — GEOGRAPHICO: — Constantinopla.  
DO LOGOGRIPHO: — Jama.

## A RIR

A' cabeceira de um agonisante:

O avô de Calino vae morrer e lamenta deixar a vida. Calino procura consolal-o...

— Vejamos, é preciso ter paciencia. Seu avô morreu, seu pae morreu, seu tio morreu, isto de morrer é hereditario na sua familia!

\*

N'um jantar:

Conversavam a respeito de criados, e dizia o dono da casa:

— Este José é bom criado, mas descuidado, tanto que vou pol-o na rua.

— Porque?

— Ha mais de dois mezes que lhe ando a pedir agua para lavar os pés, e elle nada de novo!

\*

O visconde de R. vae a um cabelleireiro e diz que lhe corte o cabelo. O artista conclue o trabalho e pergunta ao freguez:

V. Ex.<sup>a</sup> está satisfeito?

— Não ficou muito á minha vontade.

— Não quer o cabelo assim?

— Se m'o póde deixar um pouco mais comprido, faz-me muito favor.

## UM CONSELHO POR SEMANA

PARA EVITAR A QUEDA DO CABELLO

Alcool a 90°.....	5 litros
Essencia de Portugal.....	125 gra.
"    saponisada.....	1 "

Junta-se a essencia de Portugal ao alcool, e depois de 15 dias de descanso, junta-se-lhe a essencia saponisada.

Abandona-se de novo por 8 dias, agita-se e filtra-se.

Usa-se simples.

## A AVOSINHA

Não ha muitos annos ainda, quando o estender a mão á caridade não era um crime severamente reprimido pela policia, via-se nas ruas de Lisboa um grupo sympathico para os que sabem observar. Era uma velhinha muito pobremente vestida, mas limpa, com uma pequenita pela mão.

Templos, escadas nobres, negociantes e industriaes que dão esmolas ao sibbado, e as irmãs de caridade do asylo de S. João que distribuem caldo diariamente, todos conheciam e todos contemplavam a avosinha.

Coitada! a sua historia era bem simples, como é sempre a do proletario.

Tinham-lhe morrido successivamente todos os filhos e netos, só lhe restava aquella pequenina filha d'ella.

Creava-a com entranhado amor; era o seu unico prazer na velhice, a sua unica affeição sobre a terra, o vinculo que a prendia á existencia.

Nos seus braços encarquilhados é que fôra embalada, sorrindo como os innocentes sabem sorrir.

Para a anciã é que desabrochavam todas as manhãs, d'aquelles labios virgens de maldade, as meigas caricias.

D'aquelles olhos transparentes e meigos é que irradiavam, doces e serenas, as mudas interrogações.

Pela manhã, debruçava sobre o berço, a velhinha esperava que a neta acordasse andando na ponta do pé, para não fazer ruido.

Mas, com grande desespero seu, havia sempre no pateo um visinho, tocador de realejo, que saia de casa tocando, e levava a affeição a entrar á tarde, tocado... de vinho.

A pequenina quasi sempre acorlava, sacudida no seu soni-

nho matinal pelas soberbas arias de operas italianas, moidas com toda a valentia de pulso pelo cago.

Mas, mercê da influencia melodica ou do seu temperamento lymphatico, a Mariquinhas acordava, sorria e estendia os bracinhos para fóra da roupa, para abraçar a avó. Esta, enternecida pela mansidão d'aquelle anjinho que parecia adivinhar ter vindo ao mundo para ser sempre humilde, arrancava-a do berço, com os seus braços tremulos, côr de pergaminho velho, e punha se a beijal-a sofregamente. Era a sua oração da manhã.

E que melhor oração podia offerecer a Deus?

A' nora do peditorio, lá ia a velhinha com o anjinho ao collo, coberto de lucto... para attrahir mais a attenção dos bemfeitores.

Como era natural, o facto de ser vista com uma creancita nos braços, despertava a curiosidade e o dó n'uns, o riso n'outros.

— E' sua filha? interrogavam maliciosamente os marçanos buliçosos e engordurados.

— Creio! E' minha netinha. E' o unico ente que possui no mundo.

E esta resposta era dada com tão bom modo, que não sentiam animo para continuar a troça.

E' que avosinha era uma anciã experimentada e fina. Grande conhecedora do mundo. Era, sob a sua apparencia fragil, uma mulher forte, uma especie de philosophia das ruas. O seu olhar era tranquillo e penetrante, cheio d'intelligencia.

As irmãs da caridade quizeram que deixasse a creancinha na chreche.

— Não, minhas senhoras. E' este anjinho que me sustenta, parecendo que sou eu que trabalho para elle. A maior parte das esmolas vem atrahidas pelo seu sorriso.

E as irmãs não insistiam. Mas é que a velhinha não confiava de niuguem.

Foi crescendo a Mariquinhas e tornando-se forte e traquinas. Mas tinha boa indola e a avó nunca a perdia de vista. Muito conhecedora do mundo, não queria que ella aprendesse maus costumes com as creanças da sua idade. Por isso procurava distrahil-a por todas as formas, comtanto que não se desse em camaradagem com os visinhos.

Todos os dias lhe comprava um brinquedo para a distrahir, tendo o cuidado de dizer que lh'o offereciam.

A velha, economica por principio e por habito, tinha adquirido uma pequena fortuna a mendigar e collocara-a, por intermedio de um tabelião seu conhecido antigo, em inscrições e coupons, guardando d'isto, como é facil de suppor, o mais rigoroso segredo.

Apenas a Mariquinhas completou oito annos, a excellente avó, que nutria os seus projectos, contractou com uma professora particular o ensinal-a a lér, escrever e contar; e todas as tardes, quando voltavam do peditorio, paravam em casa da professora, para a pequena dar lição.

Evitava d'este modo o contacto com as outras pequenas n'uma escola, onde a desprezariam por ser mendiga e a humilhariam, desperando-lhe no coração sentimentos d'odio contra as suas condiscipulas e contra a avó, como causa originaria da sua aviltante posição.

A astuta velhinha soube fugir a esse perigo e conservar junto de si, risonha, serena, confiada, a luz dos seus olhos, a sua querida neta.

Mas ao seu espirito subtil não passou desapercibido que o futuro da pequena poderia ser prejudicado pela sua vida presente, e por isso resolveu armal-a para as asperas luctas da vida com os conhecimentos praticos necessarios a uma mulher do povo.

A professora, a quem disse que uma fidalga generosa é que concorria com as despesas do ensino, deu-a em dois annos prompta em leitura, escripta e contas. A pequena era intelligentissima e como não tinha a distracção das companheiras, aprendia com uma facilidade maravilhosa.

Não havia letreiro nenhum de rua ou de porta que ella não lesse perfeitamente. Entrava com todos os jornaes. No pateo passava por sabia. Era o açoite com que as mães sacudiam a vergonhosa ignorancia das filhas, que aliás nunca levavam á escola.

Tinha a pequena perto de onze annos, quando a avó, seguindo o mesmo processo que usara para ella aprender a lér, lhe mandou ensinar todo o genero de costura, e vendo que já tinha corpo para o trabalho, principiou a declinar d'ella o serviço domestico, renovando todo o seu interior, com grande surpresa dos visinhos.

— A sua neta vae casar? perguntavam, afogueadas d'inveja, as santas creaturas do pateo.

— Não, meninas, respondia a avó, com o seu sorriso bondoso. Eu quero que ella se costume ao amanho da casa. Um dia posso faltar, e é bom que ella saiba por uma panella ao lume.

— Quanto lhe custou esta commoda? perguntavam as visinhas, mordendo-se de raiva, porque tinham em casa a roupa pendurada em pregos.

— Nada, minhas filhas. Deu-m'a a sr.<sup>a</sup> viscondessa do O', a quem contei o meu proposito.

— Ah! só a mim não me dão na la! A pequenina chorou na barriga da mãe!



E retiravam se fulas.

Quando ellas saíam, a velha rosnava entre dentes, fechando cautelosamente a porta, armada de uma tremenda fechadura.

— Bem vos conheço, lambisgoias!

A Mariquinhas assistia silenciosa e fria a estas scenas. Estava perfeitamente industriada pela avó acerca do que devia pensar d'aquellas senhoras visinhas.

\*  
\*  
\*

No meio d'este deslizar da vida, uma só cousa perturbava a velha: o futuro.

Se ella morresse repentinamente, deixando a pobre pequena só no mundo, com a sua inexperiencia das cousas? Era horrivel! E a sua fronte, inclinada pela angustia, pendia scismadora, horas inteiras, com grande surpresa da Mariquinhas.

Quando acordava d'aquella modorra, sacudia as suas melemas prateadas e abraçava com frenesi a neta, como para transmitir ao sangue definhado, a vida d'aquelle outro sangue argenteo.

Mas o pensamento cruel, voltava. Olhando em redor de si, não via na esphera em que lhe era licito escolher noivo para a Maricas, senão entes excessivamente boçaes, maus e viciosos. Conhecia-os: cheios de crapula, esses grandes doentes moraes, arrastavam uma vida torpe. Eram brutalmente egoistas e concebiam acerca dos seus direitos sobre a mulher, as mais estra-

E mettento a mão n'algibeira, depois de remexer *sem resultado*, disse com desanimo:

— Não tenho aqui nada! infelizmente...

Era tão desoladora a sua expressão, que a velha sentiu-se commovida, e disse-lhe n'um tom de tal modo differente do que ella costumava empregar, que o rapaz recuou pasmado.

— Não preciso das suas esmolas, meu filho. Conheço o seu bom coração e isso me basta. O sr. precisa mais do que eu.

E como o rapaz fizesse um movimento de protesto, ella impondo-lhe silencio com o gesto, continuou:

— Os meus cabellos brancos, auctorisam-me a dizer-lhe isto. Conheço o mundo. O sr. é victima de qualquer fatalidade que eu desconheço, mas de que não é o culpado certamente. Tambem ouvi dizer, que era poeta e que as pessoas que seguem semelhante arte, morrem de fome...

O rapaz, abalado, achegou-se a ella e disse-lhe quasi em segredo e no tom em que o faria a uma mãe:

— E' verdade! A senhora leu no meu coração. Sou muito desgraçado.

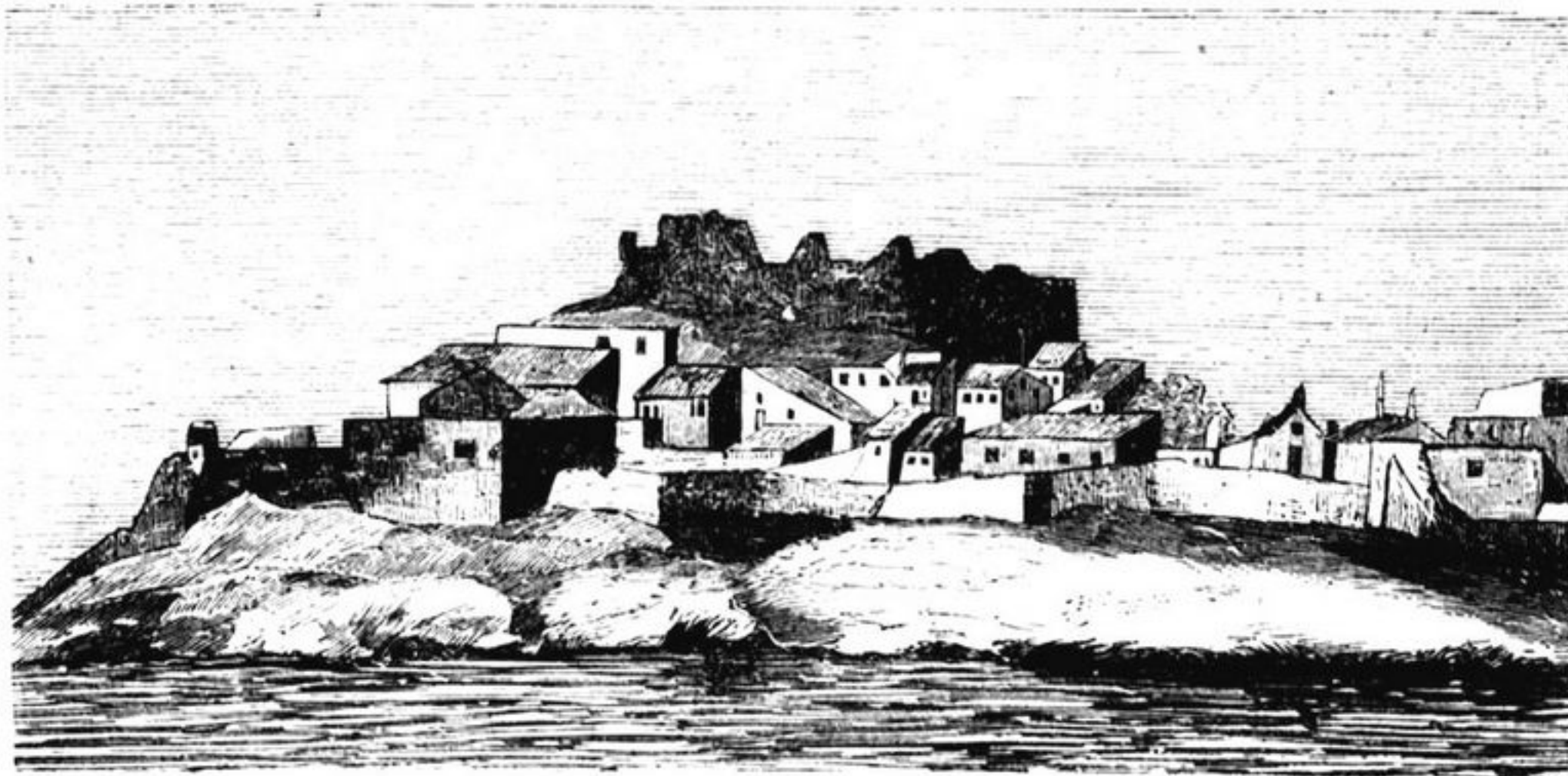
A velhita considerava-o attentamente. Dir-se-ia que reunira toda a sua experiencia para poder ler sem se enganar no coração do mancebo.

— Diga-me cá, perguntou ella de repente, o sr. é sósinho?

— Quer dizer se vivo só?

— E se não tem mu'her ou amante...

— Não. Nunca ameí ninguem. Estou só no mundo, sem parentes, sem amigos e... sem amigas.



CASTRO MARIM

nhas theorias despoticas, que se traduziam sempre em bordoadas.

A Mariquinhas, nas mãos d'aquelles sujeitinhos, não duraria um anno.

A avósinha andava afflicta da sua vida, quando um dia, ao transpôr a porta do pateo, onde morava, para ir ao peditorio diario, amparada ao braço da neta, loura, pallida e gentil nos seus doze annos d'idade, vio dois possantes cidadãos de Tuy, conduzindo n'uma padiola uma mobilia miseravel.

Um recémvindo é sempre um acontecimento n'aquellas democraticas regiões e por isso a velha parou para observar para onde entrava aquella tarecada. Não esperou muito. Um mancebo pallido, pobremente vestido, mas distincto, penetrou no pateo, atraz dos gallegos e dirigiu-se para casa de uma visinha da velha. Era um hospede.

— Eu conheço aquellã cara! murmurou a velha, seguindo-o com o olhar até elle desaparecer.

E no dia seguinte, encontrando-o, interpellou-o.

— Meu querido senhor! não me conhece?

— Eu? respondeu o moço pallido, volvendo um olhar desconfiado sobre o grupo.

— Eu sou a velhinha a quem o senhor ás vezes dava um vintemsinho á porta da capella do sr. marquez de Castello Melhor, quando esta pequena, então de seis annos, lhe dizia:

— Compre-me um bolinho!

— Porque ao nosso lado, continuou a velha, estava quasi sempre uma mulher com um taboleiro de pevides e bolos.

— Ah! agora me recordo! disse o rapaz pallido.

E attentando na pequena:

— Mas... como a sua filha está crescida!

— Filha! Vade rétro! E' minha netinha, senhor!

Os olhos da velha brilharam da satisfação. E para que elle o não percebesse despediu-se quasi de repelão. Quando estava a grande diatancia, parou, e encarando a neta perguntou-lhe:

— Não te parece um bom homem, este rapaz?

Ella respondeu ingenuamente.

— O que eu o acho, é muito mais delicado do que todos os outros homens. Tratou a avósinha, por... senhora!

— E' verdade, e isso é mais uma prova da bondade do seu coração, porque considera todos como seus eguaes.

E foram ambos percorrendo lisongeiramente acerca do mancebo pallido.

Aquelle inverno foi muito rigoroso. A pobre velhinha apanhou uma pneumonia e não pôde resistir a ella. Vendo-se perdida, chamou o mancebo pallido e teve com elle uma longa conferencia: depois chamou o tabellião e fez testamento, nomeando sua herdeira a neta e tutor e testamenteiro o velho tabellião onde tinha guardadas as suas inscripções.

Deixou a terça ao rapaz pallido com a condição de casar com a neta, quando ella fizesse quinze annos d'idade. A terça era de dez contos.

Apenas falleceu, a pequena foi residir para casa do tabellião, e nos tres annos que decorreram até ao seu casamento, tornou-se uma menina de boa sociedade, com os bons conselhos e exemplos da familia do honrado funcionario.

JOSÉ MARIA DA COSTA.

Administração — Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados os direitos de propriedade litteraria e artistica